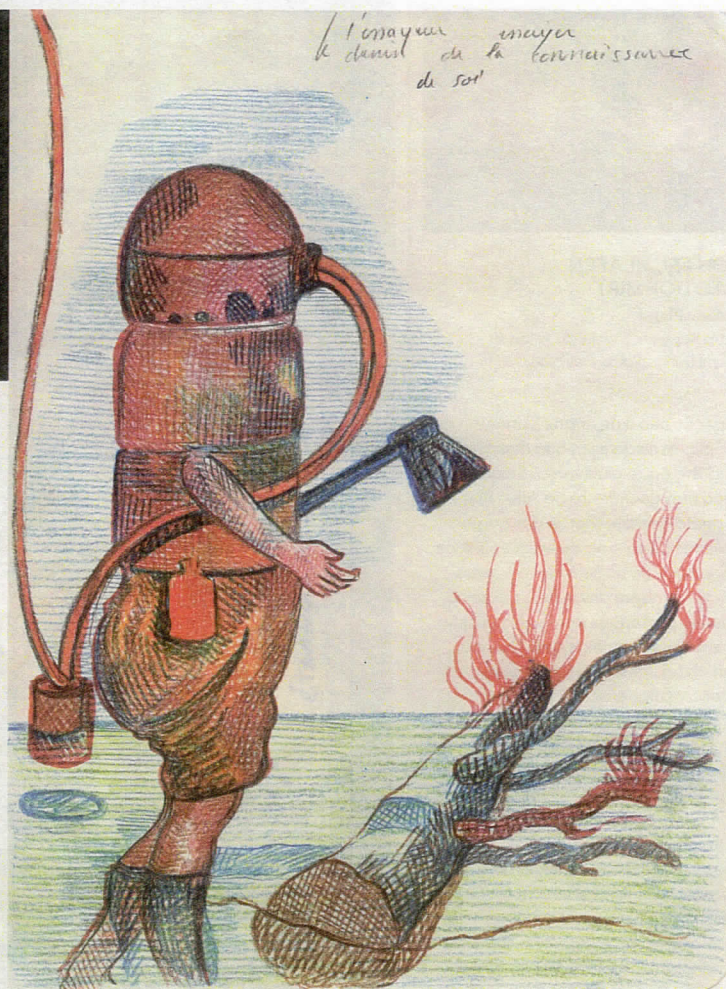


Ex  
posi  
ções

Desenho de Mattia Denisse na exposição "Duplo Vê" na galeria Zé dos Bois, em Lisboa

Histórias  
siamesas

Desenhos que conjugam o verbal  
e o visual em notáveis tramas narrativas

TEXTO CELSO MARTINS

A viver em Portugal há quase 20 anos, o francês Mattia Denisse (Blois, 1967) é um artista discreto cujo trabalho possui poucos pontos de contacto com os estereótipos do que costumamos designar por arte contemporânea, o que torna rara a sua presença em exposições mais curatoriais. Na verdade, os seus desenhos pedem

tempo e para serem vistos em extensão como partículas de uma prática interligada como o mostra esta exposição intitulada "Duplo vê" que já havia sido mostrada na Casa das Histórias, em Cascais, mas que chega agora a Lisboa aumentada por novos desenhos. Na parede, ou colocados em mesas envidraçadas que se rodeiam,

descobrimos uma produção maciça de trabalhos sobre papel, numa impressionante multiplicidade de registos que não é exibicionismo técnico mas sim capacidade de adequar uma certa "maneira" àquilo que cada desenho pede. Desenhos realistas, geometrizarantes, mais sintéticos ou à beira da abstração, jogos de linguagem, imagens patafísicas, ingredientes incorporados numa intencionalidade narrativa que escapa aos protocolos da ilustração e que sobrevive tanto na individualidade de cada desenho como em sequência. Esse é, aliás, um dos aspetos a reter: o desenho aqui nunca é instrumental, mas um *medium* com características e interesse autónomo que dialoga com diferentes tradições visuais, tempos históricos e formas de arte mas que nunca abandona um certo núcleo duro de obsessões. Uma delas é, desde logo, a presença transversal da morte (tornada visual ou metaforizada), mas também o da solidão, do amor ou do desejo, tudo sempre à beira de uma acidez, por vezes, temperada pelo risível.

Por isso, pode haver alusões sexuais porque a sua obscenidade é subvertida por esse humor (como, por exemplo, quando essas alusões se referem a figuras geométricas), ou irromper o macabro, o abjeto ou o fantástico porque o absurdo e o enigma estão lá para os salvar à última hora. Os desenhos têm tamanhos aproximados aos de livros e a sua qualidade favorece uma receção algures entre a observação e a leitura. Mas o que sustenta decididamente este mundo é uma luta constante com a própria ideia de narrativa, em constante reenvio linguístico e visual, depois de todas as desconstruções e esgotamentos, e com a possibilidade de um dizer visual associado ao imaginário e à imagem criada na distância entre a mente e a mão (por oposição à imagem encontrada) que tem obviamente que lidar com a memória, com a tradição visual coletiva e ao mesmo tempo deitar-lhe enxofre para cima. Por isso, talvez seja a isso que o trocadilho "Duplo vê" do título alude — além da assumida citação de "W ou les souvenirs d'enfance" de George Perec —, a um ver paralelo às coisas, que as revolve e as refunda. ●

★★★★★

DUPLO VÊ

Mattia Denisse

Galeria Zé dos Bois, Lisboa,  
até 24 de junho